

As Manifestações a Inscrever na **Lista do Património Cultural Intangível**

Consulta Pública
13/03-11/04/2019



Índice

Prefácio

1. Ópera Yueju (Ópera Cantonense).....	1
2. Preparação do Chá de Ervas	7
3. Escultura de Imagens Sagradas em Madeira	13
4. Naamyam Cantonense (Canções Narrativas).....	19
5. Música Ritual Taoista	25
6. Festival do Dragão Embriagado	31
7. Crença e Costumes de A-Má	37
8. Crença e Costumes de Na Tcha	43
9. Gastronomia Macaense	49
10. Teatro em Patuá.....	55
11. Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos	61
12. Procissão de Nossa Senhora de Fátima	67
Informações sobre a Consulta Pública	73

Prefácio

O património cultural intangível constitui uma parte importante do património cultural. A Lei n.º 11/2013 (*Lei de Salvaguarda do Património Cultural*), que se encontra em vigor desde 2014, definiu o património cultural intangível como objecto de salvaguarda jurídica, exigindo a elaboração de um inventário e a criação de uma “Lista do Património Cultural Intangível” para efeitos de determinação das manifestações imateriais que devem ser protegidas.

Relativamente ao património cultural intangível, a *Lei de Salvaguarda do Património Cultural* estabelece dois meios de salvaguarda: um “Inventário” e uma “Lista”. Nos termos do artigo 72º da *Lei de Salvaguarda do Património Cultural*, a “inventariação” constitui a base de salvaguarda do património cultural intangível, referindo-se igualmente ao trabalho de identificação do mesmo para efeitos de salvaguarda. Com base em estudos contínuos, as manifestações intangíveis que cumpram os requisitos estipulados na *Lei de Salvaguarda do Património Cultural* são condicionalmente inscritas no Inventário do Património Cultural Intangível, ficando assim abrangidas pelo respectivo regime jurídico de salvaguarda. Por sua vez, e nos termos do artigo 79º da *Lei de Salvaguarda do Património Cultural*, foi também criada a Lista do Património Cultural Intangível, que visa reconhecer as manifestações do património cultural intangível de interesse relevante para a RAEM, devendo as manifestações inscritas nesta Lista ser seleccionadas, de acordo com os procedimentos estabelecidos nos termos da lei, a partir do Inventário do Património Cultural Intangível, e com base na sua relevância, impacto social e condições existentes para a sua preservação.

A fim de salvaguardar o património cultural intangível de Macau, nos termos dos artigos 72º e 77º da *Lei de Salvaguarda do Património Cultural*, o Instituto Cultural desenvolveu vários estudos e trabalhos de investigação, inerentes ao Inventário do Património Cultural Intangível, conforme publicado em Setembro de 2017. Nos termos do artigo 79º da Lei n.º 11/2013 (*Lei de Salvaguarda do Património Cultural*), e de modo a reforçar a salvaguarda do património cultural intangível, o Governo da RAEM definiu o procedimento para a criação de uma Lista do Património Cultural Intangível, contando com um processo de consulta pública vasto e abrangente, relativo às 12 manifestações que estão previstas para serem inscritas na referida lista.

Manifestações Recomendadas para Inscrição na Lista do Património Cultural Intangível

N.º	Nome	Ano de inscrição na Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China	Ano de inscrição no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau
1.	Ópera Yueju (Ópera Cantonense)	2006	2017
2.	Preparação do Chá de Ervas		
3.	Escultura de Imagens Sagradas em Madeira	2008	
4.	Naamyam Cantonense (Canções Narrativas)	2011	
5.	Música Ritual Taoista		
6.	Festival do Dragão Embriagado		
7.	Crença e Costumes de A-Má	2014	
8.	Crença e Costumes de Na Tcha		
9.	Gastronomia Macaense	A ser inscrita	
10.	Teatro em Patuá		
11.	Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos		
12.	Procissão de Nossa Senhora de Fátima		

O presente texto expõe as respectivas manifestações recomendadas para inscrição na Lista do Património Cultural Intangível, incluindo a sua apresentação, respectivos transmissores, declaração de valor cultural e referências fotográficas das mesmas.

1. Ópera Yueju (Ópera Cantonense)

1.1 Apresentação

A ópera cantonense é um género de ópera tradicional chinesa cantada e recitada em cantonense, sendo muito popular na Província de Guangdong, Hong Kong e Macau. Recorrendo a formas de expressão artística como o canto, os gestos, a récita e as artes marciais, e complementando as actuações com maquilhagem, trajes, adereços, e música de percussão própria, este género de arte performativa apresenta enredos que combinam elementos derivados da literatura, teatro, dança e artes marciais, resultando num espectáculo com grande valor artístico e cultural.

A ópera cantonense remonta aos finais da dinastia Ming e inícios da dinastia Qing, tendo-se desenvolvido durante os reinados do Imperador Tongzhi e do Imperador Guangxu da dinastia Qing. A ópera destaca-se pelas suas características distintas ao nível das suas melodias, formas de actuação e repertórios, tendo sofrido uma série de transformações durante o século XX, no sentido de se tornar num género de espectáculo mais popular, mais local e mais moderno. Entre as inovações mais significativas, contam-se: a substituição da *xipeng guanhua* (língua oficial dos teatros de ópera de rua) pela língua vernacular (cantonense); a transição de trupes exclusivamente masculinas ou exclusivamente femininas, para trupes mistas; a transição do uso simultâneo de melodias Ban e Qupai, para o uso sequencial das mesmas; a transição do uso de locais ao ar livre como palco de actuação, para o uso de teatros interiores. Após a instauração da República Popular da China, a ópera cantonense deu início a um novo período de desenvolvimento, granjeando fama como género de ópera regional da China¹. A ópera cantonense possui uma longa história em Macau: em 1875, o Teatro Cheng Peng entrou em funcionamento, assumindo-se como um dos mais antigos teatros de ópera cantonense da cidade. Em finais da dinastia Qing e inícios da República, revolucionários dos círculos da imprensa criaram uma trupe (*banshe*) de ópera cantonense em Macau dedicada à popularização do pensamento revolucionário através da reforma da ópera, tendo a trupe ganho a aprovação dos públicos de Macau, Guangdong e Hong Kong e contribuído, ao mesmo tempo, para a reforma e promoção da ópera cantonense. Durante a Guerra Sino-Japonesa, várias trupes e artistas de ópera cantonense de Guangdong e Hong Kong, procuraram refúgio em Macau, incluindo Ma Si Tsang, Sit Kok-sin, Pak Yuk-Tong, Yam Kim Fai, Lan Chi Pak, os quais actuaram em Macau, tendo alguns participado também em espectáculos de beneficência para causas de mérito nacional. Este período em que tantas celebridades convergiram em Macau foi uma época de prosperidade no desenvolvimento da ópera cantonense no Território. Posteriormente, após o retorno dos artistas às suas terras de origem, não voltou a proporcionar-se uma tal concentração de estrelas em Macau. No entanto, os teatros de grupos operários, da década de 1950 até à década de 1970, as numerosas associações locais de ópera cantonense que foram criadas desde os primeiros tempos até à actualidade e os espectáculos de “Ópera para as Divindades” realizados pelos templos em comemoração dos aniversários de divindades locais contribuíram para a continuidade e para o desenvolvimento da ópera cantonense em Macau².

A ópera cantonense possui características próprias ao nível das melodias, música, formas de actuação e artes marciais, utilizando, como principais melodias, o Bangzi e o Erhuang, bem como as melodias Gao, Kun, as canções narrativas da Província de Guangdong, as Xiaoqu Zadio, entre outras. A música da ópera cantonense começou por ser instrumentada para os chamados

¹ Candidatura da ópera cantonense a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-001.

² Zhang Jing: *A Ópera Cantonense em Macau*, Pequim: Wenhua yishu chubanshe (Editora de Cultura e Arte), 2010, pp. 3, 13-14, 21, 57, 77-78.

“wujiatou” (cinco instrumentos), nomeadamente, o erxian (instrumento chinês de duas cordas), o yueqin (guitarra da lua), o sanxian (instrumento chinês de três cordas), o zhutiqin (instrumento chinês de duas cordas com arco) e o xiao (flauta), sendo outros instrumentos posteriormente introduzidos. Os seis principais personagens representados neste tipo de ópera são o wenwusheng (personalidade civil e marcial), xiaosheng (personalidade de jovem erudito ou de amante), zhengyinhuadan (papel feminino), erbanghuadan (jovem mulher), chousheng (palhaço) e wusheng (cavaleiro), sendo as técnicas de representação simples e vigorosas, incluindo saltos mortais e outras acrobacias. Os movimentos marciais foram desenvolvidos com base nas artes marciais da Escola do Sul, envolvendo acrobacias notáveis, kung fu de Shaolin e outras técnicas. A caracterização dos actores é simples e energética, contando com um guarda-roupa refinado, que inclui deslumbrantes bordados cantonenses com um forte sabor regional³.

1.2 Continuidade

A ópera cantonense utiliza uma linguagem familiar e uma variedade de formas de expressão artística, resultando num género de ópera de grande representatividade dramática e influência local. Actualmente em Macau existem mais de 200 associações locais de ópera cantonense, sendo realizados espectáculos quase todas as semanas em teatros tradicionais locais, o que evidencia o dinamismo e o poder influente desta arte no Território. No entanto, a ópera enfrenta também alguns desafios ao nível da sua continuidade. Os aficionados são sobretudo indivíduos de meia e terceira idade com mais de 50 anos, assinalando-se relativamente menor participação por parte do público mais jovem, sobretudo porque é difícil desenvolver uma carreira profissional em ópera cantonense e porque as técnicas envolvidas requerem um período de formação bastante longo. Assim, um grande número de associações locais e aficionados de ópera cantonense de Macau têm vindo a contribuir para a preservação e promoção desta tradição através da organização de espectáculos, exposições, acções de formação para jovens, acções de divulgação nas escolas, espectáculos comunitários, entre outras iniciativas. Nas décadas mais recentes, o Festival de Artes de Macau tem integrado a participação de artísticas locais, nomeadamente mestres com grande experiência e actores mais jovens, para participarem conjuntamente em espectáculos locais de ópera cantonense, tendo em vista promover esta arte. Por outro lado, algumas associações organizam anualmente espectáculos de “Ópera para as Divindades” em comemoração dos aniversários das várias divindades locais, tais como no caso do Festival de A-Má, do Festival de Tam Kong, e do Festival de Na-Tcha, entre outros, estabelecendo assim um elo de ligação entre a ópera cantonense e as festividades populares e contribuindo, ao mesmo tempo, para a união comunitária, através da promoção desta arte junto da comunidade de cada bairro.

Em 2006, no seguimento da candidatura apresentada conjuntamente por Macau, Cantão e Hong-Kong, a ópera cantonense foi inscrita no 1.º lote da Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China. Posteriormente, em 2017, a ópera cantonense foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

1.3 Declaração de Valor Cultural

A ópera cantonense absorveu vários elementos musicais e teatrais, sendo uma combinação perfeita das melodias Bangzi e Erhuang e do ritmo do dialecto cantonense. Tendo contribuído para a diversificação da arte da ópera chinesa, a ópera cantonense tornou-se no principal expoente da mesma, evidenciando características muito diferentes de outros géneros de ópera da China.

³ Candidatura da ópera cantonense a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-001.

Sendo uma das tradições de ópera chinesa mais influentes na região de Lingnan e a mais representativa no exterior, a ópera cantonense, em toda a sua diversidade e singularidade, permeia a vida tradicional e a vida moderna de Lingnan, sendo um factor de identidade e um importante meio de intercâmbio cultural na região.

1.4 Referências Fotográficas



Fig. 1
“Xiaosheng” (“letrado”) e “zhengdan” (mulher íntegra e digna), dois papéis da ópera cantonense.



Fig. 2
Na ópera cantonense, o “xiaowu” é um personagem masculino perito em artes marciais.



Fig. 3
“Jingjiao” (valente lutador de artes marciais) e “mojiao” (ancião), dois papéis da ópera cantonense.



Fig. 4
Cena de artes marciais num espectáculo de ópera cantonense.



Fig. 5

Os espectáculos de ópera cantonense destacam-se pelos seus trajes, maquilhagem, adereços e música de percussão.



Fig. 6

Vários trajes de ópera cantonense.



Fig. 7

Espectáculo de "Ópera para as Divindades" encenado num templo local.



Fig. 8

Zaxiangjiao (cantinho dos adereços e trajes) nas traseiras de um teatro de bambú de ópera cantonense.



Fig. 9

Maquilhagem da ópera cantonense.



Fig. 10

Ópera cantonense *A Lenda da Serpente Branca*.

Fonte das imagens	
Figs. 1 – 10	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.

2. Preparação do Chá de Ervas

2.1 Apresentação

O chá de ervas é um tipo de chá feito à base de ervas medicinais chinesas em Guangdong, Hong Kong e Macau, de acordo com o clima e as condições ambientais locais. Inspirado nos princípios da medicina tradicional chinesa, o chá de ervas tem sido desenvolvido ao longo do tempo para a prevenção de doenças e, em paralelo com a evolução de estudos médicos, possui efeitos antipiréticos e antitóxicos, saciando a sede e dissipando o calor e a humidade do corpo quando consumido. Existem vários tipos de chá de ervas, que estão associados a diferentes métodos de preparação e terminologias.

O chá de ervas evoluiu gradualmente desde os inícios da dinastia Qin até ao período das dinastias Tang e Song, começando por ser considerado como um recurso medicinal tradicional e acabando por ser adoptado na vida quotidiana da população. Durante a dinastia Jin Oriental, o farmacêutico Ge Hong mudou-se para sul, para a região de Lingnan, onde se dedicou ao estudo de receitas medicinais para tratar doenças febris epidémicas. O seu livro sobre medicina chinesa deu origem à formação e ao desenvolvimento do Chá de Ervas, sendo as conclusões de gerações posteriores de médicos de Lingnan baseadas nessa vasta experiência, e no tratamento de doenças febris epidémicas, que tanto contribuíram para a formação da cultura do chá de ervas de Lingnan. É através desse livro que as receitas e a terminologia da medicina chinesa continuam a ser transmitidas de geração em geração¹. Em Macau, existe uma longa tradição no consumo de Chá de Ervas, o qual pode ser adquirido em farmácias chinesas, onde o chá é empacotado para ser preparado em casa, ou em casas de chá, aonde é servido já pronto para beber. Nos finais da década de 1950, havia mais de uma centena de casas de chá de ervas nas ruas de Macau, evidenciando assim a forte presença deste tipo de chá na vida da população local. No período entre a década de 1970 e inícios da década de 1990, com a influência da cultura alimentar ocidental e a diversificação dos produtos alimentares em geral, a indústria do chá de ervas sofreu um retrocesso, tendo apenas recuperado em finais da década de 1990².

O chá de ervas é feito à base de ervas medicinais chinesas processadas, frias ou frescas, e com um ou mais sabores. Entre os 24 tipos de chá mais comuns contam-se o chá de cinco flores (*wu hua cha*), o chá de ervas de Shaxi (*sha xi ling cha*), o chá de ervas osso de galinha (*ji gu cao*), o chá de sementes de cânhamo (*huo ma ren*), o chá de *Spica Prunellae*, *Folium Mori* e *Chrysanthemum* (*xia sang ju*), o sumo de cana-de-açúcar de bambú e *Rhizoma Imperatae* (*zhu zhe mao gen shui*), etc. As fórmulas de chás de ervas variam ligeiramente consoante a loja de chá, sendo que cada loja cria as suas próprias receitas, transmitindo-as hereditariamente de geração em geração. Antigamente, havia várias lojas de chá de ervas muito célebres em Macau, incluindo a Tai Iau Ik Leung Cha, o Departamento de Chá de Ervas da Hin Kei Bing Ka, a Tai Sing Kung, a Fok Wa Kei, a Tai Heung Lei, a Sam Hang Nga, a Pak Ka Cheung, entre outras.

2.2 Continuidade

Hoje em dia, o chá de ervas continua a ser consumido diariamente pela população local como bebida terapêutica, incluindo o chá preparado em lojas especializadas, bem como o chá adquirido em farmácias chinesas e preparado em casa, estando ainda disponível uma grande variedade de

¹ Candidatura da Preparação do Chá de Ervas a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-002.

² Huang Yihui, Situ Bingfu, Liang Yanqiu, Tan Yongqiu, Liang Liyi: “História das Lojas de Chá de Ervas de Macau”, *O Chá em Macau*, Serviços Culturais e Recreativos do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, Setembro de 2008, p. 102.

produtos de marca de fácil ingestão, feitos à base de receitas tradicionais de chá de ervas, incluindo produtos granulares, chás em saqueta e bebidas em pacote ou garrafa. Efectivamente, o consumo de chá de ervas permite diminuir o “calor interno” e faz parte, ainda hoje em dia, da vida quotidiana da população.

Em 2006, no seguimento da candidatura apresentada conjuntamente por Macau, Cantão e Hong-Kong, a Preparação do Chá de Ervas foi inscrita no 1.º lote da Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China. Posteriormente, em 2017, a Preparação do Chá de Ervas foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

2.3 Declaração de Valor Cultural

O chá de ervas é uma bebida feita à base de diferentes misturas de ingredientes e que evoluiu ao longo de vários séculos, sendo consumida pela população da região de Lingnan para efeitos de prevenção de doenças e manutenção diária de boa saúde. Incorporando a cultura de Lingnan, o chá de ervas é uma materialização da sabedoria popular e um produto cultural adaptado ao ambiente natural da região. Estabelecendo um elo de ligação entre a alimentação e a medicina, com base nos princípios da medicina tradicional chinesa, o chá de ervas acabou por ser integrado na cultura alimentar, constituindo assim uma bebida de consumo terapêutico diário muito popular e de grande representatividade na região de Macau e também de Lingnan.

2.4 Referências Fotográficas



Fig. 1

Ervas usadas na preparação do chá de ervas.



Fig. 2

O chá de ervas tem normalmente um tom castanho escuro.



Fig. 3
Departamento de Chá de Ervas de uma pastelaria tradicional de Macau (1968).

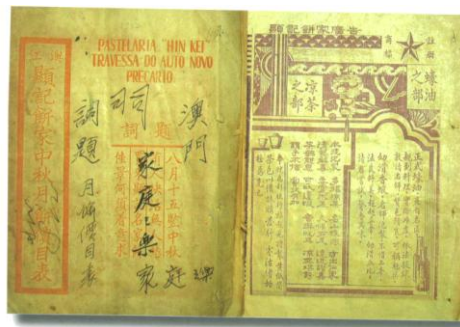


Fig. 4
Anúncio sobre o departamento de Chá de Ervas de uma pastelaria tradicional de Macau.



Fig. 5
Hoje em dia, as lojas de chá de ervas recorrem a copos ou garrafas para maior conveniência dos consumidores.



Fig. 6
As lojas tradicionais de chá de ervas normalmente servem o chá em tigelas.



Fig. 7
Uma loja tradicional de chá de ervas de Macau.



Fig. 8
Saco de papel para embrulhar chá de ervas de uma loja tradicional de Macau.



Fig. 9
Algumas farmácias tradicionais chinesas de Macau servem chá de ervas já preparado.



Fig. 10
Vendedor ambulante com vários tipos de chá de ervas.

Fontes das imagens	
Figs. 1-2, 5-7, 9-10	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.
Fig. 3	Chan Lai long: “Lojas de Chá de Ervas”, <i>Fifty Years at A Glance: Documenting a Half Century of the Photographic Society of Macau</i> , Museu de Arte de Macau, 2008, p. 83.
Figs. 4, 8	Huang Yihui, Situ Bingfu, Liang Yanqiu, Tan Yongqiu, Liang Liyi: “História das Lojas de Chá de Ervas de Macau”, <i>O Chá em Macau</i> , Serviços Culturais e Recreativos do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, Setembro de 2008, pp. 108, 112 e 114.

3. Escultura de Imagens Sagradas em Madeira

3.1 Apresentação

A Escultura de Imagens Sagradas em Madeira é uma forma de expressão artística religiosa de Macau, derivada da escultura tradicional chinesa de imagens sagradas e contando com influências de outros países ao nível da concepção e da montagem das esculturas, constituindo uma arte popular local de grande requinte, com mais de um século de história.

A arte da escultura religiosa chinesa é muito antiga, tendo dado origem a uma forma de artesanato de cariz regional à medida que a cultura e a arte religiosa se foram difundindo e desenvolvendo. O florescimento da escultura de imagens sagradas de Macau teve início no princípio do século XX, quando a maioria dos pescadores vivia em barcos e não sabia ler nem escrever, recorrendo a pequenas figuras de madeira para prestar culto aos seus antepassados, em vez de usarem placas com os nomes dos mesmos. Os pescadores colocavam também placas ancestrais e esculturas sagradas em posições importantes nos seus barcos, tais como na proa e na cabine de comando, a fim de rogar aos espíritos por segurança, dado que a pesca no mar era um trabalho de alto risco, deixando os pescadores à mercê de perigos imprevisíveis. Após suportarem as agressões das ondas do mar e das intempéries, os barcos regressavam a terra, sendo frequentemente necessário substituir as placas e esculturas sagradas por outras novas. Este factor, juntamente com a grande procura também por parte dos habitantes e dos templos, levou ao rápido desenvolvimento da indústria da escultura de imagens sagradas, bem como à melhoria das respectivas técnicas artesanais. No período entre 1920 e 1930, já havia mais de dez lojas especializadas em escultura de imagens sagradas só na Rua da Madeira, junto ao Porto Interior, evidenciando o grande sucesso da indústria naquela época. Após o final da década de 1930, a guerra, a industrialização da economia e o abrandamento da indústria da pesca acabaram por levar ao declínio da indústria da escultura de imagens sagradas¹.

Antigamente, as esculturas de madeira eram sobretudo esculturas de imagens sagradas utilizadas por pescadores, no âmbito de sistemas de crenças budistas, taoistas ou devoções populares. Após a década de 1980, com o declínio da indústria da pesca e as transformações sociais que se sucederam, a indústria da escultura passou a concentrar-se sobretudo em esculturas budistas. Actualmente, a escultura de figuras budistas em Macau adopta essencialmente o estilo conceptual e as antigas técnicas de aplicação de laca da escultura tradicional de Ningbo, da Província de Zhejiang, em combinação com técnicas japonesas de encaixe de madeira e técnicas de escultura de Taiwan, implicando um processo artesanal muito rigoroso e o uso de materiais de excelente qualidade. O processo de fabrico de esculturas inclui: a selecção de materiais, concepção, entalhe, encaixe, polimento, aplicação de cal, aplicação de tecido, aplicação de verniz de base, aplicação de laca, aplicação de folha de ouro e aplicação de tinta. Todos estes passos requerem um elevado grau de rigor, uma técnica especializada, bem como uma longa experiência por parte do artista². As lojas de escultura de imagens sagradas de Macau não só dominam o processo de fabrico de pequenas estatuetas, como também têm capacidade para conceber, esculpir e montar grandes estátuas budistas com dezenas de toneladas de peso. O seu elevado nível artístico é reconhecido tanto na China como no exterior, levando à encomenda de esculturas de imagens sagradas em madeira, instrumentos para altares budistas e pagodes budistas por parte de muitos templos e

¹ Li Lijiao, Kong Jinlian, Wang Zengyang, Xue Qishan (ed.), *Escultura em Madeira - A Escultura de Imagens Sagradas em Macau*, Macau: Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, Dezembro de 2008, pp. 20-24.

² Idem, p. 134.

santuários budistas privados de Macau, Hong Kong, Sudeste Asiático, Estados Unidos e Canadá, atendendo igualmente vários pedidos de restauro de esculturas. Por outro lado, a aplicabilidade da arte da escultura é de natureza muito abrangente, podendo ainda ser utilizada em letreiros comerciais, componentes de escultura em madeira ou na decoração de espaços privados.

3.2 Continuidade

A Escultura de Imagens Sagradas em Madeira, em Macau, é uma arte com mais de um século de história. No início do século XX esta indústria teve um desenvolvimento muito próspero. Após a década de 1970, a indústria entrou em declínio, restando, actualmente, apenas duas lojas em Macau, nomeadamente, uma Loja de Escultura de Imagens de Buda e Objectos de Madeira e uma Loja de Escultura de Ídolos Sagrados e Objectos de Madeira ³. Uma destas lojas tem vindo a tomar medidas no sentido de salvaguardar esta arte popular, coleccionando documentos relevantes, expandindo o mercado e definindo procedimentos normativos para a criação de esculturas, incluindo um modelo de gestão sistemática, com vista a revitalizar e a assegurar a continuidade da indústria.

Em simultâneo, tem-se entusiasticamente investido na promoção desta arte, nomeadamente através da cooperação com entidades públicas e académicas, organização de exposições temáticas, workshops e seminários deste tipo de artesanato, e participação em feiras desta arte noutros locais, tendo em vista garantir a sua continuidade e promoção.

Em 2008, a Escultura de Imagens Sagradas em Madeira foi inscrita no 2.º lote da Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China. Posteriormente, em 2014, Tsang Tak Hang foi reconhecido como transmissor desta arte no contexto do 4.º lote de Itens Representativos do Património Cultural Intangível a Nível Nacional e, em 2017, a Escultura de Imagens Sagradas em Madeira foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

3.3 Declaração de Valor Cultural

A Escultura de Imagens Sagradas em Madeira é uma arte popular de Macau com mais de um século de história, que preserva e desenvolve as técnicas da escultura chinesa tradicional de imagens sagradas, integrando ainda estilos conceptuais e técnicas tanto da China como do exterior, dando assim origem a uma arte popular única na Região. As esculturas de imagens sagradas constituem manifestações de crenças populares, reflectindo as crenças tradicionais e a cultura popular de Macau, providenciando assim um suporte físico para a preservação das mesmas. Tanto a arte em si, como a cultura popular que lhe é inerente possuem um enorme valor patrimonial.

³ Idem, p. 24

3.4 Referências Fotográficas



Fig. 1
As peças são esculpidas meticulosamente com um cinzel.



Fig. 2
As peças são lacadas e polidas várias vezes até o verniz de base estar completamente liso.



Fig. 3
Aplicação de folha de ouro.



Fig. 4
Aplicação de tinta.



Fig. 5
Imagens sagradas de pescadores – deuses protectores da família.



Fig. 6
Placa usada pelos pescadores na proa dos respectivos barcos.



Fig. 7
Imagem sagrada taoista – Deusa A-Má (Mazu).



Fig. 8
Imagens sagradas budistas.



Fig. 9
Loja de Esculturas de Imagens Sagradas em Macau.



Fig. 10
Loja de Esculturas de Imagens Sagradas em Macau.

Fonte das imagens	
Figs. 1 — 10	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.

4. Naamyam Cantonense (Canções Narrativas)

4.1 Apresentação

A Naamyam Cantonense é uma forma de expressão musical tradicional que consiste na interpretação de canções narrativas em cantonense, geralmente cantadas por cegos, e cujo modo musical e melodias derivam das características linguísticas do idioma corrente na região do Delta do Rio das Pérolas, dando origem a canções que expressam os lamentos e esperanças do povo dessa região.

A Naamyam Cantonense, também conhecida como “Naamyam”, remonta ao reinado do Imperador Qianlong da dinastia Qing, tendo origem na região do Delta do Rio das Pérolas, na Província de Guangdong. As canções foram desenvolvidas por letrados e artistas, inspirando-se em estilos musicais locais, como nas chamadas canções do peixe de madeira, canções dos barcos-dragão, canções da água salgada, bem como em estilos de outras regiões, como as *nanci* (canções do sul da China) e as *tanci* (baladas em dialectos do sul da China). Os primeiros tempos do reinado do Imperador Daoguang da dinastia Qing, após a publicação de *Canção do Exílio* (*Ke tu qiu hen*), da autoria de Ye Ruibo, foram uma época de grande produção do estilo Naamyam, que se tornou extremamente popular na primeira metade do século XX, na Província de Guangdong, Hong Kong e Macau. As canções eram usualmente interpretadas por artistas cegos, sendo, por conseguinte, conhecidas por “Tei Soi Naamyam”, ou “canções narrativas dos cegos” (antigamente, os cegos ganhavam a vida a ler a fortuna e a interpretar canções narrativas; “tei soi” é um termo utilizado na arte de ler a fortuna, acabando por se tornar num título honorário que se associava aos cegos). Macau, devido às suas características geográficas e históricas únicas, atraiu um grande número de mercadores ambulantes e artistas de ópera cantonense a partir do período da Guerra Sino-Japonesa, permitindo à Naamyam Cantonense deixar a sua marca na cidade. Esta tornou-se uma das principais formas de entretenimento para o público de Macau, sendo que, no período entre as décadas de 1940 e 1950, eram frequentemente realizadas actuações de artistas masculinos (*gushi*) e femininos (*shiniang*) em restaurantes, mansões de famílias abastadas ou na rua. Na década de 1950, devido à difusão pela rádio, a Naamyam conheceu um período de grande popularização¹. Após a década de 1960, devido sobretudo ao desenvolvimento gradual da música cantonense, à popularização da música europeia e americana e à diversificação dos modos de subsistência dos cegos, a Naamyam acabou por entrar em declínio².

A Naamyam caracteriza-se pela meticulosidade da sua estrutura lírica e arranjo tonal, bem como pela ordem da sua versificação e pela suavidade e elegância das suas melodias, possuindo uma musicalidade mais intensa do que as chamadas canções do peixe de madeira e as canções dos barcos-dragão³. As canções podem ser interpretadas por um único artista com acompanhamento musical de instrumentos como o zheng, o yehu, o sanxian ou o qinhu, sendo que, nos primeiros tempos, era frequente a forma longa de narração. Posteriormente, foi também desenvolvida a interpretação em dueto, sendo preferida a narração de peças mais curtas e introduzidos instrumentos diferentes como o yangqin, o paiban e o dongxiao⁴. Os intérpretes de Naamyam e os intérpretes da música de acompanhamento dominam a técnica da improvisação, uma técnica

¹ Candidatura da Naamyam Cantonense (Canções Narrativas) a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-004.

² Mak Mak: “Popularização da Tei Soi Naamyam pelo Mestre Ou Junxiang”, *Revista Macau*, n.º 81, Junho de 2011.

³ Niu Xiaoyan: “Canções do Peixe de Madeira, Canções dos Barcos-dragão e a Naamyam Cantonense”, *Wen yi sheng huo* (revista), n.º 4, 2011, p. 168.

⁴ Página electrónica do Património Cultural Intangível da China (<http://www.ihchina.cn/index.html>), Lista Nacional do Património Cultural Intangível: Introdução à Naamyam Cantonense (Canções Narrativas).

conhecida por “*jia kou shu*”, que consiste na passagem improvisada de intervalos diminutos para intervalos aumentados ou na mudança improvisada de tom. O acompanhamento musical (*paihe*) vai assim variando com as modulações do canto e com o espírito da assistência, sendo que até a letra das canções pode mudar, reflectindo o elevado grau de improvisação da Naamyam⁵.

4.2 Continuidade

Actualmente, a Naamyam Cantonense em Macau é geralmente interpretada por actores ou cantores líricos amadores, como Ou Junxiang, que é o único grande intérprete de Tei Soi Naamyam remanescente em Macau. A fim de preservar e promover a Naamyam Cantonense, algumas associações de ópera cantonense e instituições académicas de Macau têm vindo a divulgar esta arte junto do público através da publicação de trabalhos de investigação, da conservação de gravações e da realização de actuações ao vivo, palestras e demonstrações. Nos últimos anos, os intérpretes de Naamyam tem vindo a organizar cursos de formação e actuações ao vivo com professores e alunos, com vista a formar futuros sucessores da arte da Naamyam Cantonense⁶, incluindo a sua apresentação conjunta em espectáculos demonstrativos, nomeadamente em edifícios do património classificado, tais como a Mansão Lou Kau e o Pavilhão da Primavera do Jardim Lou Lim Ioc, entre outros locais, havendo actuações também no contexto de representações teatrais, de modo a promover a arte da Naamyam Cantonense e garantir a sua continuidade.

Em 2011, a Naamyam Cantonense de Macau foi inscrita no 3.º lote da Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China, e, em 2017, a Naamyam Cantonense de Macau foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

Em 2014, Ng Wing Mui (falecida) foi reconhecida, ainda em vida, como transmissora desta arte no contexto do 4.º lote de Itens Representativos do Património Cultural Intangível a Nível Nacional. Em 2018, Au Kuan Cheong foi reconhecido igualmente no contexto do 5.º lote de Itens Representativos do Património Cultural Intangível a Nível Nacional.

4.3 Declaração de Valor Cultural

A Naamyam Cantonense é uma forma de expressão musical representativa da região do Delta do Rio das Pérolas, possuindo raízes culturais profundas e uma grande afinidade com o público em geral. A sua forma de actuação é bastante simples, explorando uma variedade de elementos como poesia, léxico, tom musical, cadência, instrumentos musicais e ritmo, e caracterizando-se pelo seu elevado valor educativo, despertando o interesse da audiência pelo verdadeiro, pelo bom e pelo belo. As actuações e as peças de Naamyam dão plena expressão à excepcional inteligência, criatividade e apelo artístico dos artistas populares, sendo igualmente um modo de expressão da vida e cultura dos habitantes da região do Delta do Rio das Pérolas. A Naamyam Cantonense não é apenas uma arte musical popular nas regiões de Macau e do Delta do Rio das Pérolas, sendo também reconhecida como um género de ópera chinesa regional de excelente nível.

⁵ Candidatura da Naamyam Cantonense (Canções Narrativas) a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-004.

⁶ Mak Mak: “Popularização da Tei Soi Naamyam pelo Mestre Ou Junxiang”, *Revista Macau*, n.º 81, Junho de 2011; Candidatura da Naamyam Cantonense (Canções Narrativas) a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-004.

4.4 Referências Fotográficas



Fig. 1

Antiga cena de actuação de Naamyam Cantonense na rua.



Fig. 2

Alguns intérpretes cegos de Naamyam Cantonense são treinados desde a infância para cantar na rua.



Fig. 3

Sr.ª Ng Wing Mui (já falecida), foi reconhecida como transmissora representativa da Naamyam Cantonense (Canções Narrativas) de Macau, Património Cultural Intangível da China.



Fig. 4

Sr. Au Kuan Cheong, transmissor representativo da Naamyam Cantonense (Canções Narrativas) de Macau, Património Cultural Intangível da China.



Fig. 5

Actuação de Tei Soi Naamyam numa casa de chá tradicional de Macau de estilo cantonense.



Fig. 6

A Naamyam é acompanhada por instrumentos como o yehu, o qinqin e o paiban.

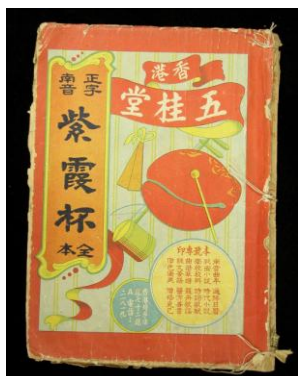


Fig. 7

Livro de canções de Naamyam Cantonense.



Fig. 8

Canção do Exílio (Ke tu qiu hen) e Regresso (Lang zi hui tou) são dois clássicos do repertório de Naamyam Cantonense.



Fig. 9

Actuação de Naamyam Cantonense no XXII Festival de Artes de Macau.



Fig. 10

Actuação de Naamyam Cantonense num local do património cultural.

Fontes das imagens	
Fig. 1	Capa do álbum <i>Amor Apaixonado (Su zhong qing)</i> , produzido pelo Arquivo de Música Chinesa do Departamento de Música da Universidade Chinesa de Hong Kong, 2007.
Fig. 2	Candidatura da Naamyam Cantonense (Canções Narrativas) a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-004 (imagem do jornal de Hong Kong <i>Wen Wei Po</i>).
Figs. 3, 7-8	Candidatura da Naamyam Cantonense (Canções Narrativas) a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-004.
Figs. 4-6, 9-10	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.

5. Música Ritual Taoista

5.1 Apresentação

A música ritual taoista, usada nas cerimónias taoistas, é um estilo musical que pode incluir canto individual, canto com melodias improvisadas, tambores, música de sopros e percussão, e actuações por agrupamentos musicais, sendo interpretada no âmbito de rituais e cerimónias litúrgicas, em combinação com cânticos e passos de dança, que geram um ambiente solene.

A música ritual taoista remonta ao período das dinastias do Norte e do Sul, tendo-se desenvolvido após a formação, a partir das dinastias Song e Yuan, das duas grandes escolas taoistas: a Escola Zhengyi e a Escola Quanzhen¹. A música praticada pela Escola Zhengyi é de cariz ligeiro e animado, destacando-se pelo seu forte cunho regional e popular, enquanto a música da Escola Quanzhen tende a ser mais profunda, contida e refinada. A prática da música taoista em Macau é sobretudo um vestígio da presença no Território de sacerdotes taoistas casados da Escola Zhengyi, que se mudaram da Província de Guangdong para Macau em finais da dinastia Qing e inícios da instauração da República. Em inícios do século XX, a Escola Quanzhen da Província de Guangdong teve a oportunidade de introduzir também a sua música ritual em Macau, levando à coexistência da música ritual taoista das escolas Zhengyi e Quanzhen na cidade². As décadas de 1940 e 1960 foram um período de prosperidade para a indústria da pesca de Macau, em que se celebraram muitos casamentos de pescadores e se construíram novos barcos, fazendo-se oferendas aos deuses nos funerais e celebrando-se várias efemérides nos templos, tais como os aniversários de várias divindades, o chamado Festival dos Fantasmas Famintos, bem como casamentos e funerais. Estas cerimónias religiosas eram oficiadas tanto em terra como no mar por sacerdotes taoistas casados. Na época, havia 28 mosteiros taoistas da Escola Zhengyi, onde viviam cerca de 40 a 50 sacerdotes. Após a década de 1960, e devido às transformações da cidade ao nível económico, as cerimónias religiosas tradicionais foram simplificadas, passando os responsáveis pelos serviços funerários a oferecer pacotes de serviços mas simplificados, o que levou ao declínio das cerimónias taoistas e da música ritual taoista³.

A música ritual taoista é um estilo de música tradicional que combina canto, dança e música, com destaque sobretudo para o canto e para a instrumentação, com o canto a servir também como veículo melódico para a transmissão de textos canónicos taoistas, que constitui o ponto fulcral deste género de música ritual. A parte instrumental consiste sobretudo numa *qupai* (melodia fixa), a qual é geralmente interpretada no início e no final das cerimónias, e nos momentos de transição entre rituais, bem como no acompanhamento de determinados procedimentos e gestos litúrgicos, a fim de servir de pano de fundo para os mesmos e gerar um ambiente solene. A música ritual taoista actualmente existente tem mais de cinco séculos de história, caracterizando-se pela sua grande variedade estilística, estrutura vocal complexa, fortes características locais, bem como pela combinação de características da música ritual das Escolas Zhengyi e Quanzhen⁴.

5.2 Continuidade

A família Ng está ligada à música taoista há cinco gerações, sendo uma referência nos círculos

¹ Wu Bingzhi e Wang Zhongren (ed.): *A Música Ritual Taoista de Macau*, Macau: Associação Taoista de Macau, Dezembro de 2009, pp. 29-31.

² Candidatura da Música Ritual Taoista a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-005.

³ Wu Bingzhi e Wang Zhongren (ed.): *A Música Ritual Taoista de Macau*, Macau: Associação Taoista de Macau, Dezembro de 2009, p. 40.

⁴ Wu Bingzhi e Wang Zhongren (ed.): *A Música Ritual Taoista de Macau*, Vol. II, Macau: Associação Taoista de Macau, Outubro de 2010, pp. 42-43.

delocais, como o único agrupamento remanescente a preservar esta tradição, assumindo-se como um representante importante desta arte em Macau. Durante a última década, uma associação de grupos taoistas de Macau tem vindo a contribuir para a preservação e divulgação da música ritual taoista através da notação de peças musicais, da publicação de trabalhos de investigação, da gravação de discos, da criação de agrupamentos musicais de música taoista, da organização de cursos de formação, também incluindo a organização do festival cultural taoista, bem como a participação em concertos de música ritual taoista no exterior, garantindo assim a preservação e a continuidade desta arte.

Em 2011, a Música Ritual Taoista de Macau foi inscrita no 3.º lote da Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China. Em 2014, Ng Peng Chi foi reconhecido como transmissor desta arte no contexto do 4.º lote de Itens Representativos do Património Cultural Intangível a Nível Nacional. Em 2017, a Música Ritual Taoista de Macau foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

5.3 Declaração de Valor Cultural

A música ritual taoista de Macau reúne vários elementos da antiga música imperial chinesa, da música de intelectuais chineses e da música folclórica chinesa, sendo parte integrante da música tradicional da China. A música taoista foi introduzida em Macau a partir da Província de Guangdong em finais da dinastia Qing, permanecendo imune aos potenciais efeitos prejudiciais de vários factores históricos, e conhecendo um período de grande prosperidade, sendo transmitida de geração em geração até aos nossos dias. Por sua vez, alguns sacerdotes fizeram com que a Escola Zhengyi fosse integrada na Escola Quanzhen, contribuindo assim para a coexistência harmoniosa entre ambas as facções e para o desenvolvimento de um género de música ritual muito rico e verdadeiramente único, no limiar entre o estilo popular e um estilo mais refinado. Actualmente, Macau é um dos locais onde a música ritual taoista das Escolas Zhengyi e Quanzehn de Lingnan se encontra mais bem preservada.

5.4 Referências Fotográficas



Fig. 1

Sacerdotes taoistas casados da Escola Zhengyi em Macau, na década de 1940.



Fig. 2

Sacerdotes taoistas casados da Escola Zhengyi em Macau realizam uma cerimónia taoista num barco de pesca.



Fig. 3

O sacerdote principal realiza uma cerimónia taoista, manuseando diversos instrumentos (dang e gu) e recitando as escrituras com devoção.



Fig. 4

Sacerdotes taoistas casados recitam escrituras taoistas através de cânticos ou récitas, rogando pela bênção dos deuses.



Fig. 5

Instrumentos usados na música ritual taoista.



Fig. 6

A récita de escrituras taoistas é geralmente acompanhada por instrumentos de percussão.



Fig. 7

As peças “shuaqu” são um tipo de *qupai* (melodia fixa) geralmente tocada no início ou no final de uma cerimónia religiosa, com vista a motivar o envolvimento do público.



Fig. 8

Tanto na Escola Zhengyi como na Escola Quanzhen, a música desempenha um papel muito importante nas cerimónias taoistas.

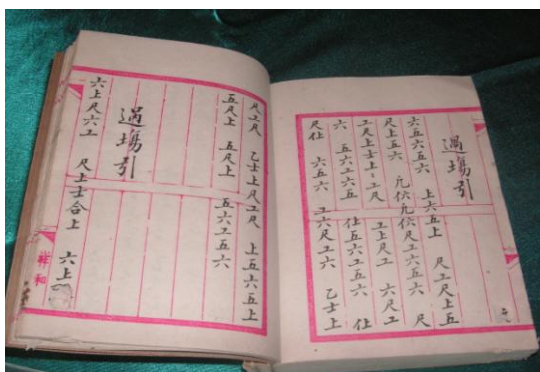


Fig. 9

No passado, havia poucas partituras de música ritual taoista em Macau, estando a maioria incompleta.



Fig. 10

O trabalho de notação é uma forma importante de preservar a música ritual taoista de Macau.

Fontes das imagens	
Fig. 1	José Neves Catela: <i>Macau, Memórias Reveladas</i> , Macau: Museu de Arte de Macau, Abril de 2001, p. 244.
Figs. 2-4, 6-10	Candidatura da Música Ritual Taoista a património, número do processo do Instituto Cultural: IHCN-005.
Fig. 5	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.

6. Festival do Dragão Embriagado

6.1 Apresentação

A Dança do Dragão Embriagado é uma tradição popular do Distrito de Xiangshan, da Província de Guangdong. Os comerciantes de peixe de Macau deram continuidade a esta tradição, combinando a mesma com elementos da cultura local e dando assim origem ao Festival do Dragão Embriagado, também conhecido como “Dragão Embriagado e Festival da Dança do Leão”, o qual tem lugar no 8º dia do 4º mês lunar, incluindo uma série de eventos dedicados às divindades, a fim de rogar por bom tempo, boa pescaria e boa saúde.

O Festival do Dragão Embriagado teve origem numa tradição popular do Distrito de Xiangshan, da Província de Guangdong (actual região que abrange Zhongshan, Zhuhai e a zona de Nansha em Guangzhou). Reza a lenda que uma enorme serpente do rio era a encarnação de um dragão celeste que antigamente descia à Terra para salvar os habitantes da região das pestes quando estes mergulhavam nas suas águas. Desde então, o povo começou a celebrar a Festa do Buda no 8º dia do 4º mês lunar, expressando a sua gratidão à divindade através de uma dança com um dragão de madeira e rogando, através de uma oferenda de “arroz da longevidade”, pela eliminação de todas as doenças, bem como pela paz¹. Nos primeiros tempos do reinado do Imperador Jiajing, as *Crónicas do Distrito de Xiangshan (Xiangshan xian zhi)* assinalavam já a celebração do “Dragão Embriagado” (*zhuan long tou*) no 8º dia do 4º mês lunar,² demonstrando assim que as origens do festival remontam à dinastia Ming. Entre meados do século XIX e meados do século XX, um grande número de comerciantes de peixe provenientes de Xiangshan, em colaboração com os comerciantes de peixe de Macau, fizeram com que a tradição da Dança do Dragão Embriagado criasse raízes e se desenvolvesse em Macau³, tornando-se numa festividade simbólica que expressa a união entre todos os distribuidores e comerciantes de peixe fresco do Território. No período da Guerra Sino-Japonesa, houve um hiato de tempo na celebração desta festividade, sendo a mesma retomada em 1946. Posteriormente, e devido às transformações sociais, o costume foi suspenso e retomado várias vezes, tendo florescido após 1981, ano em que o sector do comércio de peixe estabeleceu o 8º dia do 4º mês lunar como o “Dia da União dos Comerciantes de Peixe”⁴.

O Festival do Dragão Embriagado dos Comerciantes de Peixe de Macau é uma festividade popular de Macau. Na noite do 7º dia do 4º mês lunar, os membros do sector do comércio de peixe reúnem-se no mercado para comer juntos o chamado “arroz da longevidade”, a fim de mitigar os conflitos do dia-a-dia, estreitar os laços de união e pedir a bênção do dragão de madeira que dança sobre os incensários. No 8º dia do 4º mês lunar, todos os comerciantes realizam uma grande cerimónia dedicada às divindades na Associação Sam Kai Vui Kun, tomando parte, em seguida, no Desfile do Dragão Embriagado, distribuindo ainda “arroz da longevidade” no Complexo Municipal do Mercado de S. Domingos, no Mercado Vermelho e no Mercado Municipal do Bairro Iao Hon⁵. A Dança do Dragão Embriagado constitui o momento mais importante desta efeméride. Durante a cerimónia, um dragão de madeira é suportado por várias pessoas, algumas

¹ Li Lijiao, Kong Jinlian (ed.), “Festival do Dragão Embriagado dos Comerciantes de Peixe de Macau”, Macau: Instituto Cultural do Governo da RAEM, 2012, p. 12; Li Dongmin, “O Dragão Embriagado em Macau: 100 Anos de Dança”, Revista *Macau*, n.º 76, Gabinete de Comunicação Social do Governo da RAEM, 13 de Maio de 2011.

² Huang Zuo: *Crónicas do Distrito de Xiangshan (Facsimile)*, Vol. 1, Pequim: Editora de Bibliografias e Documentos (Shumu Wenxian Chubanshe), 1991, p. 10.

³ Li Lijiao, Kong Jinlian (ed.), *op. cit.*, p. 14.

⁴ Hu Guonian: “O Dragão Embriagado”, em Li Lijiao, Kong Jinlian (ed.), *op. cit.*, p. 71.

⁵ Candidatura do Festival do Dragão Embriagado a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-006.

das quais seguram a cabeça enquanto outras seguram a cauda, fazendo o dragão dançar através de vários movimentos, segundo o lema “30% álcool, 70% técnica”, a fim de invocar o espírito do dragão embriagado.

6.2 Continuidade

Actualmente, os comerciantes de peixe fresco de Macau continuam a preservar o espírito de solidariedade e assistência mútua que é celebrado no Festival do Dragão Embriagado (organizado todos os anos no 8.º dia do 4.º mês do calendário lunar), incluindo numerosos eventos para celebrar esta festividade. Nos últimos anos, os comerciantes continuam a promover o Festival através da cooperação com espaços museológicos incluindo a exposição temática “Uma Dança Arrojada – A Festa do Dragão Embriagado em Macau”, bem como a organização do “Festival do Dia Internacional dos Museus de Macau, 2017”, sob o tema “O Museu Móvel - Mercado Vermelho e Festival do Dragão Embriagado”. Em paralelo, efectuam também a publicação de trabalhos de investigação, formação de pequenos grupos de dança do dragão embriagado, e outros eventos anuais de maior relevância, tais como, A Parada de Celebração da Transferência de Administração de Macau, e outras actividades culturais e eventos, organizando igualmente espectáculos comunitários, palestras, concursos de fotografia e concursos de composição de textos.

Em 2011, o Festival do Dragão Embriagado de Macau foi inscrito no 3.º lote da Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China. Em 2017, o Festival do Dragão Embriagado de Macau foi inscrito no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

6.3 Declaração de Valor Cultural

O Festival do Dragão Embriagado é uma festividade popular tradicional única celebrada pelos membros do sector do comércio de peixe de Macau. Nos primeiros tempos, consistia apenas numa reunião periódica entre comerciantes. Posteriormente, passou a ser uma festividade com data fixa destinada a promover a união dentro do sector. Por sua vez, a distribuição de “arroz da longevidade”, o Desfile do Dragão Embriagado e os espectáculos comunitários começaram a atrair o público em geral, fazendo deste evento um festival local de grande impacto. Para além do propósito tradicional de prestar homenagem às divindades, o Festival do Dragão Embriagado contribui também para promover a união, a harmonia e a prosperidade no seio da comunidade, veiculando os valores culturais chineses de benevolência e virtude, com resultados positivos também na promoção da harmonia e coesão social.

6.4 Referências Fotográficas



Fig. 1

Na noite do 7º dia do 4º mês lunar, os comerciantes de peixe reúnem-se à mesa para comer o chamado “arroz da longevidade”.



Fig. 2

Realização do Festival do Dragão Embriagado junto ao Complexo Municipal do Mercado de S. Domingos no 8º dia do 4º mês lunar.



Fig. 3

Cerimónia religiosa do Festival do Dragão Embriagado.



Fig. 4

Devotos colocam incenso no altar instalado junto à entrada do Mercado Vermelho.



Fig. 5

Distribuição de “arroz da longevidade” no Complexo Municipal do Mercado de S. Domingos, no 8º dia do 4º mês lunar.



Fig. 6

Distribuição de “arroz da longevidade” no Mercado Vermelho, no 8º dia do 4º mês lunar.



Fig. 7

Dança do Dragão Embriagado junto ao Complexo Municipal do Mercado de S. Domingos.



Fig. 8

Cabeça do dragão de madeira, cauda do dragão de madeira e vasilhame para álcool, utilizados durante a Dança do Dragão Embriagado.



Fig. 9

Desfile do Dragão Embriagado.



Fig. 10

Dança do Dragão Embriagado e Dança do Leão junto à antiga sede da Associação de Comerciantes de Peixe Fresco de Macau.

Fontes das imagens	
Figs. 1-2, 7-8	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.
Figs. 3-6, 9-10	Candidatura do Festival do Dragão Embriagado a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-006.

7. Crença e Costumes de A-Má

7.1 Apresentação

A deusa A-Má é também conhecida pelo nome Mazu (Mãe Ancestral), e pelos títulos de Tianshang shengmu (Nossa Senhora do Céu), Tin Hau (Imperatriz do Céu), Tianfei (Rainha do Céu), sendo que a designação A-Má significa também Mãe/Avó, correspondendo à divindade do mar mais venerada nas regiões costeiras da China, acreditando-se ser a santa protectora dos pescadores, que resgata os mesmos de naufrágios no mar. A crença e os costumes de A-Má foram difundidos por todo o mundo por emigrantes Chineses, chegando até Macau, onde a deusa é considerada uma das mais prestigiadas divindades para a comunidade Chinesa local e onde a Festa de A-Má conta já com uma longa história, constituindo uma importante celebração popular Chinesa.

A-Má nasceu em Putian, na Província de Fujian, com o nome Lin Moniang (que significa rapariga silenciosa). Reza a lenda que salvou vários barcos de pesca e navios comerciais, tendo sacrificado a sua própria vida para salvar um barco de um naufrágio. A fim de homenageá-la, a população qualificou-a de deusa do mar, tendo-lhe dedicado um templo. A deusa viria, mais tarde, a ser reconhecida como tal pela corte imperial, recebendo o título de Tianfei (Rainha do Céu) e Tin Hau (Imperatriz do Céu). Com o desenvolvimento da indústria marítima e a emigração Chinesa, o culto de A-Má foi-se gradualmente difundindo, tendo como fundamento o respeito pela moralidade, boa conduta, virtude e espírito da fraternidade universal. Os eventos e as cerimónias que lhe estão associados têm geralmente lugar nos templos dedicados à deusa, tendo-se ainda desenvolvido em paralelo uma cultura popular que também se manifesta em vários costumes e nas feiras que são realizadas junto dos templos. Este culto encontra-se difundido por mais de 20 países e regiões do mundo, sendo preservado e praticado por mais de 200 milhões de devotos¹.

Macau era outrora um porto de pesca costeira, onde a indústria piscatória e o comércio marítimo conheceram grande prosperidade. A fim de regressarem a casa em segurança, os pescadores e os comerciantes Chineses rezavam sobretudo à deusa A-Má. O primeiro templo de Macau a ser dedicado ao culto desta divindade remonta, pelo menos, a 1605², demonstrando a longevidade do culto no Território. Segundo registos históricos, os habitantes de Macau têm vindo a praticar o culto de A-Má de várias formas, e ao longo de vários séculos, desde a oração e a oferenda de incensos, até à organização de espectáculos de ópera chinesa, festividades e banquetes. À excepção de um breve hiato de tempo desde meados da década de 1960 até finais da década de 1970, o culto continuou a ser praticado até aos nossos dias³, tal como antigamente. Hoje em dia, existem vários templos dedicados a A-Má em Macau, os quais se enchem diariamente de fumo de incensos e servem de palco para a organização de grandes cerimónias e eventos religiosos na Véspera do Ano Novo Chinês, no Aniversário do Nascimento da Deusa A-Má no 23º dia do 3º mês

¹ Página electrónica do Património Cultural Intangível da China (<http://www.ihchina.cn>), Lista Nacional do Património Cultural Intangível: Introdução à Crença e Costumes de A-Má.

² Inscrição junto ao Altar do Templo de A-Má: “Restauro das Quatro Ruas no 42º Ano do Ciclo Sexagesimal do Reinado Wanli da Dinastia Ming (1605)”: “Restauro das Quatro Ruas”, secção superior: “42º Ano do Ciclo Sexagesimal do Reinado Wanli da Dinastia Ming (1605)”, secção inferior: “Concluído no Dia do Solstício de Verão”, v. Chen Shurong: “A Formação e o Desenvolvimento da Cultura de A-Má em Macau: A Inscrição junto ao Altar do Templo de A-Má: “Restauro das Quatro Ruas no 42º Ano do Ciclo Sexagesimal do Reinado Wanli da Dinastia Ming (1605)”, em *Estudos da Cultura de A-Má*, pp. 35-53; Inscrição na trave de pedra do Pavilhão do Pórtico do Templo de A-Má (1605), em Tan Shibao, *A História de Macau em Inscrições em Metal e Pedra: Estudo das Inscrições dos Templos de Macau das Dinastias Ming e Qing*, Guangdong: Guangdong Renmin Chubanshe (Editora do Povo da Província de Guangdong), 2006, p. 43.

³ Conselho Editorial de *Livro Completo de Folclore Chineses: Tomo de Macau: Livro Completo de Folclore Chineses: Tomo de Macau*, Macau: Conselho Editorial de *Livro Completo de Folclore Chineses: Tomo de Macau*, 2003, p. 32.

lunar e na Festa da Ascensão de A-Má ao Céu no 9º dia do 9º mês lunar. No Aniversário do Nascimento da Deusa A-Má, é construído um teatro de bambú em frente ao Templo de A-Má, onde é organizado, desde há muito tempo, um espectáculo de ópera Chinesa muito representativa para agradecer a bênção dos deuses e orar pela paz⁴.

7.2 Continuidade

A crença em A-Má é muito influente em Macau, onde existem muitos templos dedicados à deusa, incluindo o Templo de A-Má, o Templo de Tin Hau junto à Colina de D. Maria II, o Templo de Tin Hau da Taipa e o Templo de Tin Hau de Coloane. Por ocasião do Aniversário do Nascimento da Deusa A-Má (no 23º dia do 3º mês do calendário lunar) e da sua Ascensão ao Céu (no 9º dia do 9º mês do calendário lunar), são organizadas grandes cerimónias religiosas nos vários templos dedicados a esta divindade, incluindo um espectáculo único de Ópera para as Divindades, realizado, desde há muito tempo, incluindo também, a construção de um pórtico de bambú decorativo, a organização de danças do dragão e danças do leão, um ritual “jiao” para pedir bençãos, entre outros rituais, que contam com a participação de muitas pessoas num ambiente muito alegre. Em frente ao Templo de A-Má, vários grupos importantes apresentam espectáculos de ópera cantonense para comemorar o aniversário do nascimento da deusa A-Má, fazendo uso de uma estrutura de bambú para servir de palco e para cobrir a audiência. Antes e depois do aniversário são realizados muitos espectáculos de ópera cantonense que atraem muitas pessoas locais, bem como visitantes, sendo um dos eventos mais representativos de Macau. Nos últimos anos, o grupo dos organizadores destes eventos tem vindo a contribuir para a salvaguarda e continuidade da crença e costumes de A-Má, através da conservação de documentos históricos, apoio à investigação, organização de acções de formação, bem como divulgação e promoção de valores morais junto dos jovens.

Em 2014, a Crença e Costumes de A-Má foi inscrita no 4.º lote da Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China. Posteriormente, em 2017, a Crença e Costumes de A-Má foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau. Em 2018, Chan Kin Chun foi nomeado como transmissor desta manifestação no contexto do 5.º lote de Itens Representativos do Património Cultural Intangível a Nível Nacional.

7.3 Declaração de Valor Cultural

A crença e costumes de A-Má tem vindo a ser transmitida de geração em geração em Macau, sendo um registo importante da cultura tradicional Chinesa em Macau. A Festa do Aniversário do Nascimento da Deusa A-Má, realizada no 23º dia do 3º mês lunar, é uma celebração popular tradicional de grande representatividade e influência junto da comunidade Chinesa de Macau, destacando-se, entre os diversos eventos, os espectáculos de ópera Chinesa em teatros de bambú, muito reconhecidos pela sua singularidade, longa história e grande escala. A preservação e continuidade da crença e costumes de A-Má tem também um efeito positivo no estreitamento de laços comunitários e na promoção da coesão e harmonia social. Nos últimos anos, Macau tem vindo a promover o intercâmbio com várias comunidades que partilham a crença e costumes de A-Má no exterior, organizando vários tipos de actividades de intercâmbio cultural, e pondo em evidência o papel do culto de A-Má como elo de ligação cultural.

⁴ Candidatura da Crença e Costumes de A-Má a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-007.

7.4 Referências Fotográficas



Fig. 1
Espectáculo de Ópera Chinesa num teatro de bambú em frente ao Templo de A-Má (1863).



Fig. 2
Espectáculo de Ópera para as Divindades realizado por ocasião do Aniversário do Nascimento da Deusa A-Má (1863).



Fig. 3
Altar dedicado a A-Má no Pavilhão da Benevolência do Templo de A-Má.



Fig. 4
Festividades realizadas em frente ao Templo de A-Má por ocasião do Aniversário do Nascimento da Deusa A-Má.



Fig. 5
Devotos prestam culto a A-Má, oferecendo incenso e oferendas por ocasião do Aniversário do Nascimento da Deusa A-Má.



Fig. 6
Teatro de bambú construído em frente ao Templo de A-Má para a realização de espectáculos de Ópera para as Divindades, por ocasião do Aniversário do Nascimento da Deusa A-Má.



Fig. 7
Espectáculo de Ópera para as Divindades num teatro de bambú.



Fig. 8
Desfile comemorativo da Ascensão da Deusa A-Má ao Céu, realizado no 9º dia do 9º mês lunar.



Fig. 9
Estátua de A-Má em jade branco no Alto de Coloane.



Fig. 10
Cerimónia comemorativa da Ascensão de A-Má ao Céu no Complexo Cultural da Deusa A-Má em Coloane.

Fontes das Imagens	
Figs. 1-2	Obras do pintor alemão Eduard Hildebrandt de 1863, que ilustram o teatro de bambú construído em frente ao Templo de A-Má. Fonte: <i>Os Cursos da Memória</i> , Macau: Serviços Recreativos e Culturais do Leal Senado de Macau, 1995, pp. 22-23.
Figs. 3, 7-8	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.
Figs. 4-6	Candidatura da Crença e Costumes de A-Má a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-007.
Figs. 9-10	Página electrónica da Fundação da Deusa A-Má de Macau: http://www.a-ma.org.mo

8. Crença e Costumes de Na Tcha

8.1 Apresentação

A Crença e Costumes de Na Tcha tem origem numa tradição popular Chinesa, tendo sido preservada e transmitida pela comunidade Chinesa de Macau em conjugação com várias lendas e costumes locais. Posteriormente, foram construídos templos dedicados a esta divindade, passando-se ainda a comemorar anualmente, no 18º dia do 5º mês lunar, a Festa do Aniversário do Nascimento de Na Tcha, uma festividade no âmbito da qual se roga pela protecção contra as calamidades, pela saúde e pela segurança da população.

Na Tcha é uma figura lendária da mitologia Chinesa e um deus protector da religião budista, cuja origem remonta às lendas budistas indianas. Após as dinastias Tang e Song, o mito começou a ser integrado no sistema de crenças tradicionais Chinesas e, posteriormente, no panteão de deuses taoistas. Após a popularização dos romances míticos (romances *shenmo*) *Investidura dos Deuses* (*Feng shen yan yi*) e *Viagem ao Ocidente* (*Xi you ji*), a imagem desta criança divina empunhando o Anel do Céu e da Terra e montando as Rodas do Fogo e do Vento ficou profundamente gravada no imaginário do povo Chinês¹. Em Macau, existe uma lenda singular, segundo a qual, em inícios da dinastia Qing, surgiu uma encarnação de Na Tcha na Calçada das Verdades para proteger os habitantes locais, os quais viriam a construir aí um templo dedicado a esta divindade². Em finais do século XIX, houve um surto epidémico, contando a lenda que Na Tcha surgiu em sonhos aos residentes do Pátio do Espinho, salvando os mesmos da peste. Para expressar a sua gratidão, estes decidiram construir um templo dedicado à divindade. Os devotos que frequentam ambos os templos de Na Tcha não só prestam diariamente culto a Na Tcha, como também realizam cerimónias no Ano Novo Chinês nestes templos, pedindo a bênção à divindade e fazendo oferendas à mesma.

Na Festa do Aniversário do Nascimento de Na Tcha, celebrada no 18º dia do 5º mês lunar, são realizadas grandes cerimónias em homenagem a Na Tcha nos respectivos templos, na Calçada das Verdades e junto às Ruínas de S. Paulo, incluindo rituais como a instalação de pequenos altares (*jian jiao*), bem como a realização de uma queima de panchões, espectáculos de Ópera para as Divindades, um desfile de carros alegóricos, um desfile de efígies de Na Tcha, actuações de dança do leão, entre outros eventos. À excepção de um hiato de tempo, desde a década de 1960 até inícios da década de 1990, a Festa do Aniversário do Nascimento de Na Tcha tem vindo a ser realizada com grande pompa e circunstância até aos nossos dias³.

8.2 Continuidade

A Crença e Costumes de Na Tcha em Macau remonta aos primeiros tempos da dinastia Qing, possuindo um cariz essencialmente popular, familiar e afável, e atraindo sobretudo residentes locais, pescadores e praticantes de artes marciais Chinesas, os quais prestam culto através de orações e oferendas nos templos e em casa. De todas as actividades, as de maior relevo são as que estão relacionadas com a comemoração do aniversário de Na Tcha (no 18º dia do 5º. Mês do calendário lunar). Em paralelo com as preces e oferendas, é também organizada uma procissão

¹ Hu Guonian: Estudo Preliminar do Valor Cultural do Templo de Na Tcha junto às Ruínas de S. Paulo, Inscrito na Lista do Património Mundial, Macau: Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, Junho de 2012, p. 3.

² Conselho Editorial da Associação do Templo da Calçada das Verdades de Macau: Breve Monografia do Templo da Calçada das Verdades de Macau, Macau: Associação do Templo da Calçada das Verdades de Macau, Novembro de 2011, p. 1.

³ Candidatura da Crença e Costumes de Na Tcha a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHCN-008; Hu Guonian: *op. cit.*, p. 84.

dedicada a Na Tcha, e que é acompanhada por uma parada com crianças vestidas e pintadas de forma típica, bem como uma cerimónia separada, na qual leões visitam estabelecimentos comerciais para apanharem uma alface que faz parte do ritual de benção, atraindo muitos residentes locais e visitantes, sendo um evento muito característico de Macau. Actualmente, existem dois templos de Na Tcha em Macau que continuam com esta tradição, incluindo a preservação das festividades sobre o aniversário de Na Tcha, bem como o apoio à investigação, intercâmbio com grupos homólogos e a organização de várias acções de formação e divulgação. Em aditamento, em 2012, foi também promovida a cooperação com os serviços administrativos, o que permitiu a abertura do novo espaço museológico “Sala de Exposições do Templo de Na Tcha”, para apresentar aos residentes e aos visitantes os artefactos de valor histórico que estão relacionados com a Festa de Na Tcha, de modo a promover a continuidade da Crença e Costumes de Na Tcha.

Em 2014, a Crença e Costumes de Na Tcha foi inscrita no 4.º lote da Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China. Em 2017, a Crença e Costumes de Na Tcha foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau. Em 2018, Chiang Kun Kuong e Ip Tat foram nomeados como transmissores desta manifestação no contexto do 5.º lote de Itens Representativos do Património Cultural Intangível a Nível Nacional.

8.3 Declaração de Valor Cultural

A Crença e Costumes de Na Tcha, tal como tem vindo a ser transmitida e desenvolvida em Macau, constitui uma manifestação da cultura tradicional Chinesa no Território, tendo adquirido um cariz local muito singular. Tanto no que se refere à Festa do Aniversário do Nascimento de Na Tcha, como no que se refere aos mitos e lendas sobre a divindade e outras festividades dedicadas à mesma, o culto apresenta características regionais muito próprias que não se encontram noutros locais. Os rituais diários e a cerimónia anual contribuem para o estreitamento dos laços comunitários e para a união social, sendo a Festa do Aniversário do Nascimento de Na Tcha, celebrado no 18º dia do 5º mês lunar, no contexto de uma festividade de grande escala e importância em Macau, que atrai inúmeros participantes, tanto locais como do exterior. Por sua vez, a comunidade de fiéis de Macau desenvolve ainda intercâmbios frequentes com templos de Na Tcha no Interior da China, Taiwan, Hong Kong e regiões do Sudeste Asiático, promovendo em conjunto o culto de Na Tcha e pondo em evidência o papel deste culto como elo de ligação cultural.

8.4 Referências Fotográficas

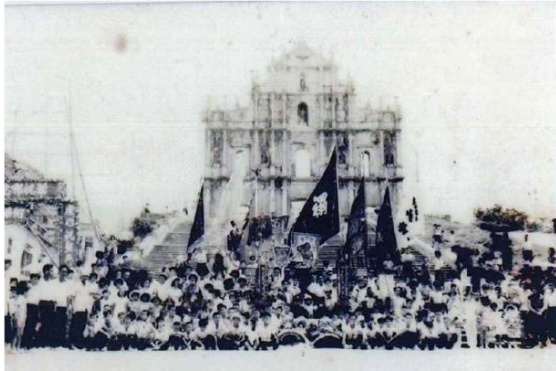


Fig. 1

Membros do Templo de Na Tcha junto às Ruínas de S. Paulo participam num desfile comemorativo do aniversário do nascimento de Na Tcha (década de 1950).

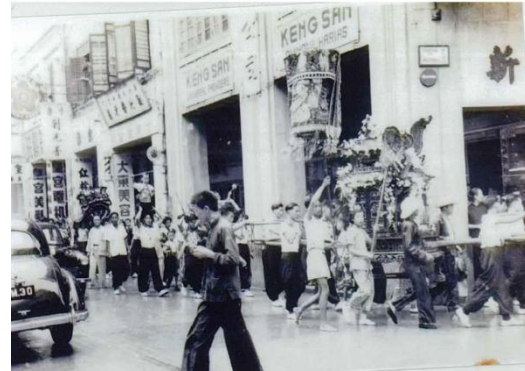


Fig. 2

Membros do Templo de Na Tcha junto às Ruínas de S. Paulo desfilam até à Av. de Almeida Ribeiro por ocasião do aniversário do nascimento de Na Tcha (década de 1950).



Fig. 3

Pequeno altar de Na Tcha construído pelos habitantes da Calçada das Verdades sobre a pedra de granito onde Na Tcha se manifestou.



Fig. 4

Efígies de Na Tcha oferecidas no Templo de Na Tcha, junto às Ruínas de S. Paulo.



Fig. 5

Durante a festa do aniversário do nascimento de Na Tcha, meninos disfarçados de Na Tcha acompanham o desfile.



Fig. 6

Cerimónia de Oração e Agradecimento às Estrelas pelo Envio de Boa Fortuna.



Fig. 7

Uma efígie de Na Tcha sentado numa liteira imperial é transportada ao longo do percurso do desfile para afastar as doenças e purificar os bairros comunitários.



Fig. 8

Os devotos obtêm amuletos de Na Tcha para rogar pela paz e saúde das suas famílias.



Fig. 9

Banquete de celebração por ocasião da festa do aniversário de Na Tcha.



Fig. 10

Actuação de ópera Chinesa integrada nas celebrações do aniversário de Na Tcha.

Fontes das Imagens	
Figs. 1-2, 6, 9-10	Associação do Templo de Na Cha.
Figs. 3, 5, 7-8	Associação do Templo da Calçada das Verdades de Macau.
Fig. 4	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.

9. Gastronomia Macaense

9.1 Apresentação

A Gastronomia Macaense refere-se à cultura gastronómica da comunidade Macaense de Macau, a qual é baseada na culinária portuguesa, integrando ingredientes e métodos culinários de África, Índia, Sudeste Asiático, bem como locais.

A Gastronomia Macaense remonta à Era dos Descobrimentos (séc. XVI), quando os Portugueses, nas suas viagens entre o Ocidente e o Oriente, começaram a trazer vários produtos de Portugal, tais como louro, azeite, enchidos e vinho, para cozinhar. Durante as viagens, e devido às dificuldades em encontrar os produtos necessários para seguir as receitas portuguesas em regiões como África, Índia e Malásia, os Portugueses viram-se obrigados a recorrer a ingredientes e métodos culinários locais, dando gradualmente origem a um estilo culinário próprio¹, o qual acabaria por ser trazido para Macau pelos Portugueses. Os seus descendentes estabeleceram-se então em Macau e formaram a chamada comunidade “Macaense”, tendo preservado as receitas culinárias deixadas pelos seus antepassados, as quais misturavam elementos da gastronomia europeia, asiática e chinesa, dando assim origem à “Gastronomia Macaense”. Ao longo de vários séculos, os Macaenses têm vindo a transmitir esta arte culinária de geração em geração, estabelecendo uma cultura gastronómica típica de Macau e verdadeiramente única. Durante as festividades religiosas católicas (e.g. Eucaristia, baptismo), ou por ocasião de grandes efemérides, tais como o Dia de Ano Novo e as festas de casamento, os Macaenses organizam o chamado “Chá Gordo”, convidando os seus familiares e amigos para um grande banquete, num costume tradicional macaense destinado a fortalecer os laços afectivos entre a comunidade².

A Gastronomia Macaense recorre sobretudo aos estufados, grelhados, assados, fritos, produtos fumados, refogados, cozidos a vapor, entre outros métodos culinários, utilizando, principalmente, ingredientes como frango, carne de porco, carne de vaca, batata, farinha de arroz, bacalhau português (salgado), feijão vermelho português, chouriço e azeitonas pretas portuguesas³. Alguns pratos contêm especiarias da Índia e de outras regiões do Sudeste Asiático, tais como açafreão, caril, cravinho, canela e cominhos, enquanto outros recorrem a temperos chineses como anis estrelado, gengibre, cebolinha, molho de soja e aguardente chinesa⁴. Por outro lado, e devido à influência da culinária portuguesa, a Gastronomia Macaense faz muito uso do vinho tinto e branco, utilizando também a cebola e o tomate em vários cozinhados. Ao nível das sobremesas, estas caracterizam-se pela grande quantidade de ovos e açúcar e pelo seu elevado grau de doçura⁵. Entre as especialidades macaenses mais representativas e apreciadas contam-se, entre outras, o Tacho, a Galinha à Portuguesa (Po Kok Gai), o Minchi, a Galinha Africana, o Porco Balichão Tamarindo, a Tosta de Queijo, os Fios de Ovos e a Tosta de Camarão.

9.2 Continuidade

A Gastronomia Macaense era inicialmente transmitida de mães para filhas, sendo posteriormente, transmitida de geração em geração através de compilações de receitas de família. Como cada família Macaense possui diferentes métodos culinários, não existem receitas fixas para os pratos macaenses. O êxodo de um grande número de Macaenses em meados do século XX, a evolução

¹ Graça Pacheco Jorge: “A Cozinha Crioula de Macau”, *Revista de Cultura*, N.º 20, p. 151.

² Au Ka Lou: “O Chá Gordo”, *Jornal Ou Mun*, 1 de Janeiro de 2018, Secção Gastronómica (E04); Kuok Mei Kei: “A Cultura Gastronómica Macaense”, *Revista Macau*, N.º 111, 11 de Maio de 2016, pp. 49-51.

³ Kuok Mei Kei: “A Cultura Gastronómica Macaense”, *Revista Macau*, N.º 111, 11 de Maio de 2016, pp. 49-51.

⁴ Candidatura da Gastronomia Macaense a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHMO-007.

⁵ Au Ka Lou: “Incentivo à Gastronomia Macaense”, *Jornal Ou Mun*, 28 de Agosto de 2017, Secção Gastronómica (C12).

dos hábitos alimentares, a falta de certos ingredientes em Macau e a circunstância das receitas de família serem raramente publicadas são factores que dificultaram a preservação das tradições culinárias macaenses, mas, graças aos esforços desenvolvidos por várias entidades ao longo dos últimos anos para salvaguardar estas tradições únicas, nomeadamente, através da recolha de receitas, de filmagens e da publicação de livros e receitas, bem como a co-organização de cursos de formação de culinária, que conjuntamente têm contribuído significativamente para a preservação da Gastronomia Macaense, esta culinária transformou-se num tema central para a comunidade local, e tem sido igualmente difundida por todo o mundo pela diáspora Macaense.

Em 2017, a Gastronomia Macaense foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

9.3 Declaração de Valor Cultural

A Gastronomia Macaense constitui um património cultural único criado originalmente pelos Portugueses durante a Época dos Descobrimentos, baseando-se numa fusão de ingredientes e métodos culinários europeus e asiáticos e resultando numa gastronomia que reflecte o intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente, representando igualmente a cultura gastronómica diversificada de Macau. Por outro lado, e sendo uma cultura especificamente macaense, ela constitui um marco importante da identidade desta comunidade, facultando igualmente muitas informações para a investigação sobre a mesma, nomeadamente, no âmbito da genealogia, da gastronomia e da evolução linguística.

9.4 Referências Fotográficas



Fig. 1

A Galinha à Portuguesa (Po Kok Gai) é um prato único em Macau, contendo ingredientes muito utilizados na culinária do Sudeste Asiático, tais como leite de coco, caril e açafrão.



Fig. 2

Minchi é um prato à base de carne moída ou picada e batata frita, muito comum no seio das famílias Macaenses.



Fig. 3

A pasta de camarão salgada macaense é feita com camarão, folhas de louro, pimenta, malaguetas secas, samsu (aguardente malaia) e fenjiu (aguardente chinesa).



Fig. 4

A Galinha Africana é um prato influenciado pela culinária africana.



Fig. 5

O Ade Cabidela, para além dos ingredientes normais da cabidela, leva também açafrão e cominhos. "Ade" é o antigo termo português para "pato", tendo caído em desuso em Portugal.



Fig. 6

O Tacho leva inhame, rabanete, salsicha chinesa e pato fumado.



Fig. 7

O Saransurável é feito à base de coco ralado, farinha de feijão e açúcar, sendo comum em ocasiões festivas ou lanches.



Fig. 8

Os Coscorões são uma sobremesa natalícia com um significado religioso, simbolizando o lençol do Menino Jesus.



Fig. 9
Também no passado, os Macaenses costumavam organizar Chás Gordos para se reunirem à mesa e saborearem uma variedade de pratos.



Fig. 10
Uma mesa cheia de doces e petiscos para celebrar o aniversário de uma criança.

Fontes das Imagens	
Fig. 1	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.
Figs. 2 、 4—6 、 7—8	Candidatura da Gastronomia Macaense a património, número do processo do Instituto Cultural: ICHMO-007.
Fig. 3	Fotografia de Chan Wai leong. Fonte: “A Cultura Gastronómica Macaense”, Revista <i>Macau</i> , N.º 111, 11 de Maio de 2016, p. 51.
Figs. 9—10	Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, Museu de Macau.

10. Teatro em Patuá

10.1 Apresentação

O Teatro em Patuá é uma forma de expressão dramática única criada pela comunidade Macaense e caracterizada pelo uso do Patuá como língua veicular, inspirando-se na sociedade de Macau e apresentando peças satíricas sobre vários problemas sociais, com humor e ironia, resultando num espectáculo muito divertido e animado.

A língua veicular constitui um elemento crucial neste tipo de teatro, que se destaca pelo uso exclusivo do Patuá, um dialecto desenvolvido no seio da comunidade Macaense de Macau, entre finais do século XVI e inícios do século XVII. O termo “Macaense” refere-se sobretudo aos indivíduos de nacionalidade Portuguesa naturais de Macau, com antepassados Portugueses e Chineses ou de outras origens, que se estabeleceram em Macau, onde se fixaram ao longo de várias gerações, sendo, como tal, conhecidos como “filhos da terra”. O Patuá é uma língua crioula de base portuguesa com influências, a nível gramatical e lexical, do malaio, concani, cantonense, inglês e espanhol. No século XIX, o Patuá deixou de ser apenas uma língua oral e passou a ser também escrita, quando os Macaenses começaram a escrever guiões neste dialecto. Existem guiões de peças de teatro escritos em Patuá que remontam já à década de 1920¹. Naquela altura, a cultura e os costumes macaenses eram profundamente influenciados pelo Catolicismo, segundo o qual, antes do início da Quaresma, os fiéis reservavam um período de tempo para se divertirem, tendo este costume evoluído até ao estabelecimento do Carnaval Macaense, durante o qual as pessoas se sentem mais livres para se expressarem sem os constrangimentos usuais da religião. Os Macaenses aproveitavam então esta ocasião para apresentarem peças de teatro em Patuá de cariz humorístico e satírico, abordando questões sociais ou outros temas de interesse público.

O Patuá é uma língua muito flexível, adequando-se perfeitamente ao discurso satírico e humorístico, que é muitas vezes a melhor forma de expressar aspirações, preocupações, homenagens e críticas, bem como de inspirar sentimentos de união entre a comunidade. Por conseguinte, os Macaenses fizeram do Patuá a língua veicular das suas peças de teatro, no âmbito das quais este dialecto desempenha um papel absolutamente central.

10.2 Continuidade

No passado, houve um período em que se registou um decréscimo no número de falantes de Patuá, sendo que a falta de actores e o aumento dos custos de produção resultaram num breve hiato de tempo de interrupção na realização de peças de teatro em Patuá, em finais da década de 1970. No entanto, e tendo em vista preservar este dialecto único, as organizações macaenses locais começaram, desde o início da década de 1990 e até aos anos mais recentes, a dedicar-se à revitalização desta arte através da produção de peças de teatro em Patuá, incluindo a sua integração no Festival de Artes de Macau, sendo este dialecto único e o seu humor interpretativo muito bem recebidos pela audiência. Em paralelo, e tendo em vista a preservação do Patuá, a comunidade efectua também a organização de actividades de intercâmbio com o exterior, incluindo igualmente iniciativas de formação em expressão dramática em Patuá e apoio à investigação e à publicação de estudos sobre o Patuá, com vista a divulgar esta arte entre a comunidade Macaense e a população em geral, pondo em evidência a importância deste dialecto. As entidades organizadores têm conseguido assim atrair a participação de um grande número de

¹ Mok Ian Ian: “Teatro, Dança e Cinema de Macau”, em Wu Zhiliang, Jin Guoping e Tang Kaijian (ed.), *A História Reescrita de Macau*, Vol. 4, Fundação Macau, 2008, pp. 1357 e 1373.

jovens², contribuindo deste modo para a preservação do Patuá e do teatro em Patuá, que são respectivamente um dialecto e uma forma de expressão dramática muito singulares e emblemáticas da comunidade Macaense.

Em 2017, o Teatro em Patuá foi inscrito no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

10.3 Declaração de Valor Cultural

O valor cultural do Teatro em Patuá prende-se sobretudo com a língua veicular do mesmo: o Patuá macaense, que é um dialecto único com origem em Macau, e um símbolo importante da identidade e cultura da comunidade Macaense. Tendo em conta a influência de línguas, culturas e costumes de outras comunidades, a preservação do Teatro em Patuá reveste-se de uma grande importância para os Macaenses, que procuram reafirmar as suas raízes culturais e promover a revitalização da sua cultura, sendo que as peças de Teatro em Patuá produzidas ao longo dos últimos vinte anos contribuíram também para a coesão da comunidade Macaense. Por outro lado, o Teatro em Patuá é uma forma de expressão artística que reflecte a linguagem, a forma de pensar e a vida quotidiana da comunidade Macaense de Macau, constituindo uma importante fonte de informação para o estudo sobre a identidade cultural desta comunidade.

10.4 Referências Fotográficas



Fig. 1
Teatro em Patuá no Teatro D. Pedro V.



Fig. 2
Cena de uma peça de Teatro em Patuá no Teatro D. Pedro V.

² Candidatura do Teatro em Patuá a património cultural intangível, número do processo do Instituto Cultural: ICHMO-006.



Fig. 3

Teatro em Patuá com elementos musicais e de dança.



Fig. 4

O teatro reflecte aspectos da vida dos macaenses.



Fig. 5

Teatro em Patuá com elementos musicais e de dança.



Fig. 6

O teatro reflecte aspectos da vida dos macaenses.



Fig. 7

A peça *Amochai Divoto* (2013) satiriza o processo eleitoral e os vários males da sociedade.



Fig. 8

As peças de Teatro em Patuá acompanham os tempos, recorrendo a dispositivos cenográficos e a efeitos especiais de iluminação, entre outros, para aumentar o impacto das suas representações.



Fig. 9

Nos últimos anos, a maior parte das peças de Teatro em Patuá têm lugar no Centro Cultural.



Fig. 10

A peça *Unga Chá Di Sonho* (2016) retrata o grande contraste entre a antiga e a actual sociedade de Macau, a fim de lembrar o passado com nostalgia e abordar os problemas sociais de hoje.

Fontes das imagens	
Figs. 1-6	Candidatura do Teatro em Patuá a património cultural intangível, número do processo do Instituto Cultural: ICHMO-006.
Figs. 7-10	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.

11. Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos

11.1 Apresentação

A Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos tem lugar anualmente no primeiro Sábado e Domingo da Quaresma, integrando a “Novena e Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos”.

Esta procissão constitui uma celebração religiosa tradicional da Igreja Católica, sendo particularmente prevalente no sul da Europa. De origem desconhecida, o evento tem já uma longa história em Macau, remontando a 1708¹. Contando com a participação do Bispo da Diocese de Macau, dos membros do clero e de vários fiéis locais e estrangeiros, a procissão é igualmente acompanhada, todos os anos, por um grande número de residentes e visitantes. Seguindo um itinerário simbólico correspondente ao caminho da “via dolorosa”, que representa o percurso de Jesus Cristo do Pretório ao Calvário referido na Bíblia, a procissão é acompanhada pela Orquestra das Forças de Segurança tocando a marcha fúnebre, numa atmosfera de grande solenidade. Actualmente, a procissão decorre ao longo de dois dias, partindo da Igreja de Santo Agostinho e terminando na Igreja da Sé. No segundo dia, faz-se o percurso inverso, por um caminho mais longo que inclui uma série de reencenações correspondentes às várias estações da “via sacra”, como por exemplo a interpretação do papel de Verónica por uma mulher que entoia um cântico triste enquanto um padre e numerosos fiéis respondem com preces e cânticos, criando uma atmosfera de grande emoção e pesar fúnebre.

11.2 Continuidade

A procissão é organizada por uma Confraria Católica de Macau, que é constituída sobretudo por devotos Portugueses e Macaenses e que tem vindo, nos últimos anos, a atrair a adesão de um número cada vez maior de devotos Chineses. Embora não se conheça exactamente a data de fundação da referida Confraria Católica, existem documentos que apontam para meados do século XIX². A procissão tem sido efectuada continuamente todos os anos, no primeiro Sábado e Domingo da Quaresma, incluindo a participação dos fiéis, bem como de residentes e visitantes, que têm permitido a transmissão e a continuidade dos valores religiosos e culturais inerentes à procissão. Por outro lado, a realização bem-sucedida desta procissão, tem em consideração as condições do sistema de transportes e as medidas de condicionamento do trânsito que possam ser implementadas, sendo que o apoio do Governo ao nível do encerramento temporário de vias públicas e da manutenção da ordem, assim como o apoio do público, se têm revelado essenciais para a realização anual deste evento.

Em 2017, a Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

11.3 Declaração de Valor Cultural

Macau é a mais antiga diocese católica na Ásia Oriental, sendo um local predilecto para a realização de numerosas cerimónias religiosas, incluindo a Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, cuja história de mais de 300 anos faz dela um dos maiores e mais antigos eventos religiosos tradicionais actualmente existentes em Macau. Destacando-se pelo seu evidente cariz de interpretação local, esta procissão é uma importante manifestação da diversidade religiosa e

¹ Governo de Macau, *Anuário de Macau 1922*, Imprensa Nacional, 1922, p. 14 ; P. Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese I. No ano dos centenários da fundação e da restauração*, Tipografia do Orfanato Salesiano, 1940, p. 172; “A Voz do Passado”, Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau 722, 1964, p. 444.

² Chung Chi Kin: “A Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos”, *Revista Spirit*, 2004, n.º 63, pp. 116-123.

da identidade multicultural de Macau, sendo também um bom exemplo e testemunho sobre o intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente, que sempre se proporcionou em Macau ao longo da história. O evento conta com a participação do público em geral, revelando ter uma grande influência em vários bairros comunitários e atraindo igualmente um grande número de turistas, pondo em evidência a vitalidade de Macau como cidade multicultural.

11.4 Referências Fotográficas



Fig. 1

A imagem do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos encontra-se geralmente exposta no altar principal da Igreja de Santo Agostinho. Para tomar parte na procissão, faz-se uso desta imagem e o seu nicho na igreja fica temporariamente coberto.



Fig. 2

No primeiro dia, antes do início da procissão, os devotos voluntários que participam no evento realizam preparativos na Igreja de Santo Agostinho.



Fig. 3

Antes do primeiro dia da procissão, os membros do clero e os fiéis realizam uma cerimónia religiosa na Igreja de Santo Agostinho.



Fig. 4

Após a cerimónia na Igreja de Santo Agostinho, dá-se início à procissão em direcção à Igreja da Sé.



Fig. 5

Na Igreja da Sé, o Bispo saúda a imagem de Jesus e realiza uma cerimónia.



Fig. 6

O roxo é a cor cerimonial usada pelos membros da Igreja durante a Quaresma, simbolizando humildade e arrependimento. Os trajes usados actualmente pelos membros do clero e participantes na procissão também são, na sua maioria, de cor roxa.



Fig. 7

Uma jovem interpreta o papel de Verónica entoando um cântico triste referente às estações da “via sacra” no contexto do percurso da procissão, enquanto um padre e numerosos fiéis respondem com preces e cânticos.



Fig. 8

Trata-se de uma procissão de grande escala.



Fig. 9

Procissão realizada em 1960.



Fig. 10

As crianças que frequentam a catequese também participam na procissão, transportando objectos de simbolismo bíblico na mão para representar o sofrimento de Jesus. As meninas trajam roupas brancas simples e os meninos vestes roxas.

Fonte das imagens	
Figs. 1-10	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.

12. Procissão de Nossa Senhora de Fátima

12.1 Apresentação

A Procissão de Nossa Senhora de Fátima, encontra-se actualmente integrada na “Novena e Festa de Nossa Senhora de Fátima”, sendo dedicada à celebração das aparições de Nossa Senhora em Fátima (Portugal), tendo como objectivo rezar pela paz no mundo e pela espiritualidade da comunidade cristã de Macau.

Em 1917, três pastorinhos testemunharam a aparição da Virgem Maria na Cova da Iria, perto de Fátima, em Portugal, sendo a comemoração deste evento posteriormente convertida numa cerimónia religiosa mais abrangente. A cerimónia e a procissão começaram a ser realizadas em Macau em 1929, centrando-se na Igreja de S. Domingos. A Procissão de Nossa Senhora de Fátima tem lugar anualmente na noite do dia 13 de Maio, partindo, sob os auspícios do Bispo da Diocese de Macau, da Igreja de S. Domingos e prosseguindo até à Ermida da Penha. Durante a procissão, fiéis vestidos de branco transportam lentamente uma estátua de Nossa Senhora de Fátima, liderados por três jovens com trajes rústicos tradicionais portugueses, representando os três pastorinhos que testemunharam as aparições em Fátima. Vários membros do clero e um grande número de fiéis locais e estrangeiros acompanham a procissão, proferindo rezas próprias e entoando cânticos, o que faz deste evento uma cerimónia religiosa muito significativa e solene.

12.2 Continuidade

A Procissão de Nossa Senhora de Fátima realiza-se em Macau há quase um século, tendo lugar todos os anos no dia 13 de Maio. O evento tem vindo a ser realizado regularmente pela comunidade Católica de Macau, com poucas interrupções, permitindo assim a transmissão e a continuidade dos seus valores religiosos e culturais. Por outro lado, a realização bem-sucedida desta procissão depende também do estado do sistema de transportes e das medidas de condicionamento do trânsito que possam ser implementadas, sendo que o apoio do Governo ao nível do encerramento temporário de vias públicas e da manutenção da ordem, assim como o apoio do público, se têm revelado essenciais para a realização anual deste evento.

Em 2017, a Procissão de Nossa Senhora de Fátima foi inscrita no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

12.3 Declaração de Valor Cultural

A Procissão de Nossa Senhora de Fátima é um importante evento da Igreja Católica de Macau, sendo caracterizada pelo seu cunho local e pela sua representatividade ao nível das suas práticas e do seu contexto cultural, representando também a essência da diversidade religiosa e cultural de Macau e constituindo igualmente um importante evento comemorativo na região da Ásia sobre as aparições de Nossa Senhora de Fátima. Esta procissão é também uma das maiores procissões tradicionais existentes em Macau, contando anualmente com a participação de um grande número de residentes locais e visitantes estrangeiros, tendo assim um impacto significativo na comunidade. Após um longo período de prática litúrgica, este evento passou também a integrar a lista de festividades tradicionais locais, que motivam igualmente a sua apreciação por pessoas de fora, pondo assim em evidência a vitalidade de Macau como cidade multicultural.

12.4 Referências Fotográficas



Fig. 1
Imagem de Nossa Senhora de Fátima.



Fig. 2
A procissão começa após uma cerimónia realizada na Igreja de S. Domingos.



Fig. 3
Os fiéis proferem rezas e entoam cânticos ao longo da procissão, que assume uma proporção significativa e gera um ambiente de grande solenidade.



Fig. 4
Três jovens vestidos com trajes rústicos tradicionais portugueses, representando os três pastorinhos que testemunharam as aparições de Fátima.



Fig. 5
A liderar a procissão, várias pessoas caminham segurando cruzes e bandeiras.



Fig. 6
De ambos os lados da imagem, pode-se observar um grande número de devotas voluntárias trajando roupas brancas simples e caminhando em fila.



Fig. 7

Em geral, a imagem de Nossa Senhora é transportada por devotas voluntárias, sendo as mesmas substituídas por homens nos troços mais íngremes do percurso.



Fig. 8

A procissão conta igualmente com a participação de crianças que frequentam a catequese.



Fig. 9

Tradicionalmente, após a chegada à Ermida da Penha, o Bispo realiza a Eucaristia para os fiéis presentes e para todos os cidadãos de Macau.



Fig. 10

Após a cerimónia, os participantes podem entrar na igreja para prestarem homenagem à imagem e rezar.

Fonte das imagens	
Figs. 1-10	Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M.

Informações sobre a Consulta Pública

Sessão de Consulta Pública:

Data	Hora	Local
23/03/2019	15:00-17:00	Sala de Conferências do Centro Cultural de Macau

※ Esta sessão de consulta pública disponibilizará interpretação simultânea em Português e linguagem gestual.

[Todos os cidadãos de Macau são convidados a participar na Consulta Pública sobre as manifestações a inscrever na Lista do Património Cultural Intangível e a partilhar as suas opiniões!](#)

Após preencher devidamente o Formulário de Opinião, é favor enviar as suas opiniões e sugestões sobre o texto da Consulta Pública sobre as Manifestações a Inscrever na Lista do Património Cultural Intangível para o Instituto Cultural, no período entre 13 de Março e 11 de Abril de 2019.

Obrigado por partilhar os seus importantes comentários!

Endereço Postal: Edif. do Instituto Cultural, Praça do Tap Siac, Macau

Fax: 2836 6836

Email: ichlist@icm.gov.mo

Página electrónica: www.culturalheritage.mo/Survey/ichlist

Telefone: 2836 6320 (durante o horário de expediente)



Título: As Manifestações a Inscrever na Lista do Património Cultural Intangível
- Consulta Pública

Editor: Departamento do Património Cultural do Instituto Cultural do Governo da
R. A. E. de Macau

Publicado por: Instituto Cultural do Governo da R. A. E. de Macau

Endereço: Ed. do Instituto Cultural, Praça do Tap Siac, Macau

Data de Publicação: Março de 2019

Impressão: IB STUDIO

Data de Impressão: Março de 2019

Edição: 1ª. Edição

Tiragem: 150 exemplares
(distribuição gratuita)

Sem autorização prévia do Instituto Cultural não é permitida a reprodução para quaisquer fins comerciais.